



ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA PARA TODOS!

Volume XIX

Cristina Batista Araújo
Deise Nanci de Castro Mesquita
Organizadoras





Larissa Rodrigues Ribeiro Pereira

Diretora Comercial

Winstom Erick Cardoso Pereira

Diretor Administrativo

CONSELHO EDITORIAL

ACADÊMICO

Prof. Me. Adriano Cielo Dotto (Una Catalão)

Prof. Dr. Aguinaldo Pereira (IFRO)

Profa. Dra. Christiane de Holanda Camilo (UNITINS/UFG)

Prof. Dr. Dagoberto Rosa de Jesus (IFMT)

Profa. Me. Daiana da Silva da Paixão (FAZAG)

Profa. Dra. Deise Nanci de Castro Mesquita (Cepae/UFG)

Profa. Me. Limerce Ferreira Lopes (IFG)

Profa. Dra. Márcia Gorett Ribeiro Grossi (CEFET-MG)

Prof. Dr. Marcos Pereira dos Santos (FAQ)

Profa. Dra. Maria Adélia da Costa (CEFET-MG)

Profa. Me. Patrícia Fortes Lopes Donzele Cielo (Una Catalão)

Profa. Dra. Rita de Cassia de Oliveira Reis (Cepae/UFG)

Profa. Dra. Rosane Castilho (UEG)

Prof. Dr. Ulysses Rocha Filho (UFCAT)

CONSULTIVO

Nelson José de Castro Peixoto

Núbia Vieira

Welima Fabiana Vieira Borges

Cristina Batista Araújo
Deise Nanci de Castro Mesquita
Organizadoras

ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA PARA TODOS!

Volume XIX

1ª edição

Goiânia - Goiás
Editora Alta Performance
- 2025 -

Copyright © 2025 by
Cristina Batista Araújo
Deise Nanci de Castro Mesquita

Editora Alta Performance

Rua 128, nº 67, Qd. F-29, Lt. 05, 2º Andar - Sala 03
Setor Sul - CEP: 74.093-100 - Goiânia/Goiás
CNPJ: 21.538.101/0001-90
Site: <http://editoraaltaperformance.com.br/>

Contatos:

Larissa Pereira - (62) 98230-1212

Revisão ortográfica: Doralice Jacomazi
Editoração: Franco Jr.

CIP - Brasil - Catalogação na Fonte
Dartony Diocen T. Santos CRB-1 (1º Região) 3294

SE74 Escola de Educação Básica para Todos! Volume XIX. / Cristina Batista Araújo, Deise Nanci de Castro Mesquita (Org.). – 1ª ed. – Goiânia: Editora Alta Performance, 2025. [Ebook]

21p.: il.

ISBN: 978-65-5447-420-7

1. Educação Básica. 2. Ensino. 3. Práticas. 4. Pedagógicas. 5. Escola.
I. Título.

CDU: 37.02

O conteúdo desta obra é de total responsabilidade dos autor(es).

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito dos autores. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

ESCOLA - VIDAS PLURAIS

Este volume XIX da Coletânea Escola de Educação Básica para Todos! dá continuidade ao XIII¹, publicado em 2024. Tal como no anterior, o seu objetivo é socializar algumas experiências educacionais singulares, as quais, mais uma vez, tivemos o grande privilégio de conhecer e participar: primeiramente, entre 2003 e 2010, durante uma docência no Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária da Universidade Federal do Pará (Pronera/UFPA), e, posteriormente, em visita de campo pelo Projeto Escolas Plurais, em 2025, acompanhando as aulas da Orquestra Popular Camponesa no Acampamento Eli Vive e no Assentamento Herdeiros da Luta de Porecatu, no Paraná.

As memórias escritas, fotografadas e narradas oralmente que organizamos aqui, no entanto, não têm por função divulgar o nosso trabalho, mas, antes, modestamente, prestar um reconhecimento, manifestar a nossa enorme gratidão aos companheiros do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra do Brasil, com quem, desde sempre, vimos aprendendo tanto!

Linguagem, Terra e Transformação: uma travessia no Pronera-MST²

Entre 2003 e 2010, vivi uma travessia que não se limitou a fronteiras geográficas ou acadêmicas: atravessou também as fronteiras íntimas do coração. Fui para o Norte do Brasil no momento em que experimentava uma expansão interna, tanto pelo primeiro deslocamento Além-Goiás quanto pelo nascimento do primeiro filho, que me inaugurava como mãe. A vida, em seu estado mais fecundo, se abria em todas as direções.

A atuação como professora me levou da Rede Municipal de Educação de Marabá ao Pronera/UFPA, junto ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), e, pelas estradas quase inexistentes do sul e sudeste do Pará, o que vivenciei foi mais que um exercício profissional: foi um mergulho humano, rito de passagem, aprendizado de mundo. Nesse tempo, percebi a força do chão que sustenta a vida, a beleza das vozes que se erguem em luta e o gesto generoso de uma comunidade que me acolheu não como visitante, mas como companheira de caminhada.

Do preconceito à escuta: o silêncio que se desfaz

Antes desse encontro, minha percepção do MST ainda era atravessada pelos rótulos que a sociedade repete: a ideia de que eram bandidos, invasores, marginais. Eu mesma só conhecia o movimento pela distância da televisão, especialmente pelas imagens do Massacre de Eldorado dos Carajás, em 1996 – tragédia que me chegava como dado jornalístico, sem que eu compreendesse de fato os rostos e as histórias por trás daquela violência.

¹ Esse volume XIII, cujos exemplares impressos foram entregues às escolas homenageadas, encontra-se também acessível em formato e-book pelo link: <https://heyzine.com/flip-book/f97a18011f.html>

² Experiência narrada pela Profa. Cristina Batista Araújo, vice-diretora do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás (Cepae/UFG). E-mail: cristina.araujo@ufg.br

Essa camada de preconceito se desfez quando ouvi, pela primeira vez, as narrativas dos que me recebiam. Histórias de dor, resistência e esperança escancararam a fragilidade dos estigmas. O silêncio que antes habitava meu olhar foi dissolvido pela escuta atenta. Eu já não via rótulos, mas sujeitos históricos que falavam com a força de quem carrega a terra no corpo e na memória.

Terra e sujeito: um vínculo vital

Aprendi que a terra não é apenas recurso ou propriedade: é raiz e horizonte, memória e identidade. É ela que sustenta o ciclo de vida, que guarda as vozes de antepassados e que oferece promessa aos que lutam por dignidade. Nos olhos dos estudantes e das famílias, percebia-se a relação visceral com o chão: não havia separação entre ser humano e terra, ambos pulsavam no mesmo ritmo.

A cada aula, compreendia que ensinar só fazia sentido quando o saber do campo era reconhecido e celebrado. Nesse reconhecimento, a linguagem se mostrava em sua potência dialógica: cada enunciado dos estudantes trazia consigo ecos de vozes sociais, marcas de histórias de vida, tonalidades da terra. O que Bakhtin chama de polifonia estava ali, vivo, entre as falas que atravessavam a sala de aula – vozes do trabalho, da família, da luta política, da memória coletiva – em diálogo com os textos literários e teóricos que estudávamos. O fazer pedagógico, então, deixava de ser distante e se tornava corpo vivo, feito de vozes em interação, de cantorias que reconfiguravam sentidos, de mãos calejadas que não apenas cultivavam a terra, mas também semeavam discursos e ressignificavam o mundo.

As místicas: memória em canto e gesto

As místicas, esses rituais de memória e esperança, revelaram-se como um dos aprendizados mais intensos. Eram cantos, encenações, lembranças dos que tombaram na luta, celebração dos que resistem. A cada cerimônia, a história se refazia, atravessando gerações. Percebi que não era apenas teatro simbólico: era memória coletiva se encarnando em canto, era coragem compartilhada. Nas místicas, compreendi que preservar é também reinventar – e que a educação pode beber dessa fonte para fazer da escola um lugar de memória viva.

Fazer casa do lugar: a beleza do comum

Nos assentamentos, vi como a precariedade material se transformava em abundância de afeto e solidariedade. Onde não havia estrada, fazia-se caminho; onde não havia tijolo, erguia-se casa de mãos dadas. O lar não era apenas espaço físico, mas laço de pertencimento. Foi ali que aprendi que cidadania pode ser gesto simples: dividir o pão, partilhar o trabalho, cuidar do outro. Como professora, percebi que a sala de aula não se encerrava em quatro paredes: estava espalhada nas roças, nas cozinhas coletivas, nas rodas de conversa ao entardecer.

Teoria e prática: Bakhtin no barro da estrada

Em cada enunciado dos estudantes, em cada roda de leitura, a teoria bakhtiniana ganhava corpo. O dialogismo não era conceito distante: estava vivo na alternância de vozes, nos discursos que se cruzavam

– da roça ao livro, da canção à teoria. Vi com clareza o encontro da linguagem com a vida, a multiplicidade de vozes que se entrelaçavam para produzir novos sentidos.

A alternância dos cursos de Licenciatura do Campo era também alternância de mundos: cada um de nós, estudantes e professora, trazia seu chão, seu falar, sua história, e tudo isso se fundia ao texto acadêmico em uma polifonia fecunda. Assim, percebi que a prática não ilustrava a teoria: ela a encarnava.

O batismo simbólico: águas que marcam

Na Serra das Andorinhas, também chamada Serra dos Martírios, recebi um batismo simbólico nas águas. Aquele gesto não foi uma simples recepção: foi rito de confiança, de pertencimento, de vínculo. Naquelas águas, algo em mim foi lavado e refeito. Eu já não era apenas professora convidada: era testemunha e partícipe de uma luta maior. O afeto contido naquele gesto ainda ecoa em mim como canto de responsabilidade.

Nunca mais a mesma

Ao recordar esse período, sei que nunca mais fui a mesma. Saí transformada: professora mais humilde, mais atenta à escuta, mais comprometida com a vida que pulsa além das teorias. Aprendi que a luta pela terra é também luta pela memória e pela dignidade. Que a educação, quando se alia à história viva de um povo, deixa de ser mera transmissão e torna-se ato de justiça. Nos caminhos de barro, nos cantos da mística, nos olhos dos meus estudantes, descobri a grande lição: ensinar é sempre aprender – e aprender, nesse contexto, é um ato de resistência e amor.

Tocar, cantar e lutar³

Todos os anos, ainda em setembro, logo após a semana de realização do Fórum Nacional Escola de Educação Básica para Todos!/Ciclo Internacional de Debates (FNEEBT/CID), a equipe organizadora se reúne para avaliar o encontro, trocar impressões, rever conceitos e elencar os temas que se destacaram como mais relevantes e que, por isso, deverão merecer um tratamento mais adensado nas atividades acadêmico-culturais do grupo, nos períodos seguintes.

Em 2024, por ocasião de seus 40 anos, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) foi homenageado durante o VIII FNEEBT/ IV CID e, para narrar um pouco de sua história, dois representantes do Projeto Orchestra Popular Camponesa, Igor Chiosini de Nadai (coordenador cultural) e Fernando Alex Campaner (maestro e professor de Cordas), participaram de uma Roda de Conversa com o professor Allysson Fernandes Garcia (Cepae/UFG)⁴.

Esse diálogo foi muito impactante e, como consequência, motivou a programação de uma visita a escolas do MST, no Paraná, com o intuito de participar de algumas das atividades desse projeto social de educação e prática musical coletiva, para conhecer o espaço onde eram desenvolvidas e outros de seus integrantes, *in loco*.

³ Experiência narrada pela Profa. Deise Nanci de Castro Mesquita, coordenadora do Projeto de Pesquisa Escolas Plurais, do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás (Cepae/UFG). E-mail: mesquitadeise@ufg.br

⁴ A gravação dessa Roda de Conversa, em formato live, está disponível no canal oficial da TV UFG no YouTube, pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=lu1zt42JE04>

A viagem aconteceu entre os dias 13 e 17 de abril de 2025. Dessa vez, sem a companhia de Cristina Araújo, Kalyna Faria, Maria Alice Rocha e Patrícia Silva, parceiras das visitas feitas a escolas plurais homenageadas anteriormente no Vol. XIII, voei até Londrina e fui recebida por Igão (como Igor é conhecido entre os parceiros). Para a primeira visita, dirigimos até o Acampamento Eli Vive, no Distrito de Leroville, a uns 70 km de distância percorridos a maior parte do trajeto por uma estrada de terra. Lá, pude conhecer não apenas os estudantes que participam do Projeto Orquestra Popular Camponesa e assistir a um compenetrado (e bem animado!) ensaio regido pelo prof. Fernando, mas também conversar longamente com o diretor da *Escola Municipal Campo, Trabalho e Saber*, prof. José Carlos Lisboa.

Por meio das fotos que ficam expostas nas paredes, prof. Zezinho (como é chamado pelos companheiros) narrou sobre o resiliente processo de luta, dos agora assentados, pela conquista daquele espaço e construção em alvenaria das salas de aula, laboratório, biblioteca, brinquedoteca, área administrativa (secretaria, coordenação e direção), área de serviço, cozinha, refeitório, banheiros (alunos, professores, funcionários e PNE), quadra coberta com arquibancada e poço artesiano; pela contratação efetiva de docentes licenciados, moradores locais; pela manutenção de verba para cobrir os gastos principalmente com o transporte dos estudantes e seus educadores, também no contraturno escolar; entre outras. As imagens mostravam como, no começo, apenas uma estrutura de lona era usada para as aulas, sendo posteriormente transformada em barracões de madeira, onde a escola permaneceu até a inauguração da nova sede, agora em um terreno de 6.300 m² e de 2.033,55 m² de área construída; um local adequado para acolher as 220 crianças de quatro a 11 anos de idade, desde a pré-escola até a 5ª série, filhas das 500 famílias que moram no Assentamento Eli Vive e em outras chácaras, nos arredores.

Explicou, também, que o projeto sob o lema "Tocar, Cantar e Lutar" vem sendo desenvolvido nessa e em outras escolas de assentamentos e acampamentos do MST no estado, desde 2022; que as aulas são realizadas com instrumentos como violinos, violas de arco, percussões sinfônicas, violoncelos e contrabaixos acústicos, doados ou comprados por meio de campanhas, e ministradas por professores de cidades vizinhas e ex-alunos do projeto: Mariana Massaro León, Daniel Fernandes Pasqual, Isabela de Faria Cunha, Pâmela Cremasco, Kézia Oliveira, Otávio Ochiai e Mariana Frano⁵. Para este volume, Igão selecionou algumas fotos cujos QRCodes dão acesso às suas próprias narrativas sobre a Orquestra e um outro projeto cultural, também sob sua coordenação, os Unidos da Lona Preta.

Resistência e memória, estamos nesta luta continuando a nossa história⁶

Para visitar o Acampamento Herdeiros da Luta de Porecatu, a professora Pâmela Cremasco e eu pegamos um ônibus em Londrina e viajamos cerca de três horas, até chegarmos a um posto de combustível, onde uma professora da Escola Itinerante nos buscou. O restante do trajeto foi realizado rapidamente, uma média de 20 minutos, mesmo sendo em uma estrada de terra. Nos intervalos das aulas de música, que aconteceram no período matutino para as crianças, e no turno vespertino para os jovens, aproveitei para caminhar e observar a rotina do acampamento.

Vi idosos cuidando de seus quintais, hortas e cabras; agentes de educação popular em saúde reunidos para orientar e definir ações com representantes desse e de outros agrupamentos; saborear um

⁵ Mais detalhes do Projeto podem ser conhecidos acessando o link: <https://mst.org.br/2024/08/01/conheca-a-orquestra-popular-camponesa/>

⁶ Grito de ordem dos acampados do Herdeiros da Luta de Porecatu, PR.

delicioso almoço caipira; trocar ideias com as cozinheiras; observar o cuidado que todos têm com as crianças cujas famílias estão fora do acampamento em horário de trabalho; acompanhar o trabalho de reorganização da biblioteca; conhecer os ambientes dinâmicos das salas de aula, com seus murais e artes representativos de suas causas sociais; participar das atividades de autoacolhimento dos estudantes dos anos iniciais; e, ainda, por quase 30 minutos, conversar com a professora e coordenadora Alessandra Lopes Ribeiro.

De forma natural e fundamentada em muito conhecimento teórico e experiência empírica, Alessandra me possibilitou compreender, em detalhes, o significado de itinerância, a proposta pedagógica e modos de sua efetivação; e o histórico de luta resiliente enfrentada diariamente por toda a comunidade, para manter o acampamento e a concepção original de escola do campo. Nossa conversa foi gravada e está disponível acessando os QRCodes que acompanham as fotos captadas durante a visita, que ela mesma escolheu como sendo representativas de sua narrativa.

Resiliência e vitória da jovem democracia brasileira

Aqui mesmo neste texto de apresentação, Cristina manifestou que, após a sua experiência junto aos companheiros do MST no Pronera, ela nunca mais foi a mesma. Para mim, o sentimento depois desse encontro foi de resgate, de volta a mim mesma, de retomada à antiga esperança e à já tão cansada perseverança. Retornei à minha rotina com uma vontade enorme de não desistir daquelas crenças e lutas que brotaram em meu coração quando eu era ainda muito jovem e, participando de Comunidades Eclesiais de Base sob a perspectiva da Teologia da Libertação, durante o período da Ditadura Militar, tive notícias de outras realidades, feitas de gente marginalizada, discriminada, mas forte e corajosa, vivendo em situações muito adversas da minha, burguesa de classe média, e me dei conta de que, sim!, eram também meus a responsabilidade e o compromisso de lutar por um mundo justo, coerente com todos os direitos estabelecidos na nossa Constituição. Agora revigorada, meus votos profissionais foram renovados na convicção de que meu papel como educadora e cidadã não pode jamais se desviar daquele idealizado há quase meio século, quando optei pela licenciatura e a filosofia socialista do “bem viver”.

E, passados cinco meses dessa visita, quando retomei esta escrita para finalizar a organização do volume, em 12 de setembro, um dia após a Primeira Turma do Supremo Tribunal Federal (STF) julgar e condenar um ex-presidente, cinco militares de altas patentes e dois civis por tentativa de Golpe de Estado e Abolição Violenta do Estado Democrático de Direito, recebi esta maravilhosa mensagem de Alessandra: “Estamos assentados!”. Naquele acampamento visitado, a tão esperada reforma agrária se concretizou; e um novo grito de ordem ecoa em Porecatu agora: “Dia feliz, sangue ferve na veia. Assentamento nos Atalla e Bolsonaro na Cadeia!”.

Figura 1 - Igor de Nadai - Educador, integrante do Coletivo Nacional de Cultura do MST e Coordenação da Orquestra Popular Camponesa e da Unidos da Lona Preta, MST-PR



Foto: Comunicação MST.

Figura 2 - Professores Fernando Alex Campaner, Pâmela Cremasco e Daniel Fernandes Pasqual



Fonte: Arquivo Pesquisa Escolas Plurais.

Figura 3 - Alessandra Lopes Ribeiro - Educadora e coordenadora na Escola Itinerante Herdeiros da Luta de Porecatu e Militante do MST



Foto: Comunicação MST.



Fotos: Arquivo Pesquisa Escolas Plurais.



Fotos: Arquivo Pesquisa Escolas Plurais.



Fotos: Arquivo Igor de Nadai.



Fotos: Arquivo Igor de Nadai.



Fotos: Arquivo Igor de Nadai.



Fotos: Arquivo Igor de Nadai.



Fotos: Arquivo Pesquisa Escolas Plurais.



Fotos: Arquivo Pesquisa Escolas Plurais.





**NOVOS ASSENTAMENTOS
DO NORTE DO PARANÁ**



**HERDEIROS DA LUTA DE PORECATU
MANOEL JACINTO CORREIA
FIDEL CASTRO
ZILDA ARNS**

**17 ANOS DE LUTA E
RESISTÊNCIA**

**TERRA NÃO SE GANHA,
SE CONQUISTA.**



Fotos: Comunicação MST.

MINIBIO

Cristina B. Araújo - Professora e vice-diretora do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás. Doutora em Letras e Linguística (PPGLL/FL/UFG).

Deise N. C. Mesquita - Professora titular do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás. Doutora em Letras e Linguística (PPGLL/FL/UFG).

